

## Um periódico juvenil: civilidades nas páginas de *O Clarim*

6

*A juvenile journal: civil in the pages of O Clarim*

Doris Bittencourt Almeida\*

**Resumo:** O trabalho investiga a revista *O Clarim*, produzida pelos alunos de uma escola, em Porto Alegre/RS, entre os anos de 1945 e 1965. A história de *O Clarim* constitui-se em uma rica documentação de história da educação, pois revela um pouco das representações da cultura juvenil daquele tempo. Aqui interessam os significados da difusão dos discursos difundidos pelo periódico, nos processos de subjetivação provocados pelos textos e suas possíveis influências na construção das identidades daqueles jovens. A pesquisa identifica-se com os pressupostos teóricos da História Cultural e se inscreve no campo das práticas de leitura e escrita e de memórias juvenis, tendo como referenciais as concepções de cultura escrita como uma produção discursiva de um determinado tempo e lugar.

**Palavras-chave:** Memórias juvenis. Escritas escolares. Práticas de leitura e escrita. Cultura escrita. Periódicos estudantis.

**Abstract:** The paper investigates the magazine *O Clarim*, produced by students at a school in Porto Alegre/RS, between 1945 and 1965. The history of *O Clarim* is in a rich documentation of the history of education, it reveals a bit of representations of youth culture at that time. Relevance here are the meanings of the dissemination of speeches broadcast by the journal in the process of subjectivity caused by the texts and their possible influences on the construction of the identities of those young people. It identifies itself with the theoretical assumptions of cultural history and practices within the field of reading and writing, and memories of youth,

---

\* Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Adjunta de História da Educação na Faculdade de Educação da UFRGS.

having as reference the conceptions of literacy as a discursive production of a particular time and place.

**Keywords:** Juvenile memories. Written school. Practices of reading and writing. Written culture. Student periodicals.

### ***O Clarim*: observatório de jovens**

Conhecer memórias juvenis de outros tempos sugere inúmeras perspectivas de observação e de análise e provoca novas possibilidades investigativas no campo da história da educação.

Este trabalho toma como objeto de investigação o exame da revista *O Clarim*, produzida pelo Grêmio de Alunos do Colégio Farroupilha (GEF), em Porto Alegre/RS, entre os anos de 1945 e 1965. Foram selecionadas 17 revistas que se encontram no acervo memorialístico da escola, o “Memorial Farroupilha”. A sensação que se tem é que há muitos anos ninguém as tirava dali, ninguém as lia, porque a maioria das pessoas que circula pela escola ainda desconhece sua existência e fica admirada ao tomar conhecimento da mesma.

O estudo em questão insere-se no campo de investigações da história da educação, sendo essa um componente fundamental da história das práticas culturais e do cotidiano social. A pesquisa identifica-se com os pressupostos teóricos da História Cultural, corrente historiográfica que pretende buscar outras alternativas à história de cunho tradicional.

Nóvoa (2005) atribui importância à produção de outro conhecimento histórico no domínio educativo, que não se limite a uma história meramente institucional, cronológica, estática e unidimensional, por não apreender a complexidade dos mundos social e educativo. A História Cultural rejeita uma história da educação apenas centrada nos fatos tidos como notáveis, que desconsidera os diferentes atores sociais. O trabalho também se inscreve nos estudos das práticas de leitura e escrita e de memórias juvenis, tendo como referenciais as concepções de cultura escrita como produção discursiva de um determinado tempo e lugar.

Para além da apresentação dos temas abordados em *O Clarim*, a investigação está especialmente interessada nos significados da difusão dos discursos pela revista, nos processos de subjetivação provocados pelos textos

escritos e suas possíveis influências nos modos como aqueles jovens pensavam, agiam e se expressavam nos espaços de construção de sua identidade.

Os periódicos estudantis constituem-se em um importante veículo educativo para seus leitores e revelam um pouco da história das instituições educativas. Além disso, traduzem aspectos significativos do cotidiano escolar e mostram indícios de saberes e de práticas escolares identificados a preceitos de civilidade.

A partir da leitura de *O Clarim*, é possível chegar perto dos universos social e cultural de parte da população porto-alegrense, sendo importante lembrar a ausência de uma enorme parcela populacional, tendo em vista que a comunidade leitora da revista restringia-se, basicamente, à comunidade que, de alguma forma, estava ligada ao Colégio Farroupilha.

Considerando-se que são as questões que nos interpelam hoje que devem orientar a nossa estratégia de interrogação do passado, resalto meu interesse por todo o acervo recolhido no Memorial da Escola e, especialmente, nas revistas, até então desconhecidas para mim, escritas pelos discentes dos antigos cursos primário, ginasial e científico. Assim, a cada exemplar que leio, fico impressionada com aquilo que encontro. Deparo-me com um rico material produzido por jovens alunos de outros tempos.

Tomo essas reflexões para dizer que minha subjetividade está presente neste estudo. Mesmo que estive imersa naquela realidade escolar específica por quase vinte anos, muitas vezes não foi fácil entender o que aqueles meninos e meninas queriam dizer com seus olhares, gestos, modos de sentar, hábitos, vozes e escritos. O contato diário com os adolescentes me estimulou a buscar em *O Clarim* aspectos juvenis de outros tempos para, quem sabe, tentar compreender o caleidoscópio que constitui o mundo juvenil atual e conseguir uma maior aproximação a partir de seus interesses e de suas afinidades.

### **Memórias juvenis: uma questão historiográfica**

Segundo Lopes e Galvão (2001), as possíveis dificuldades em reconstruir a história da infância e da juventude residem na quase ausência de registros que tenham sido produzidos pelos próprios sujeitos. Afinal, são poucos os testemunhos escritos, pessoais ou coletivos. Como, normalmente, as evidências dessas histórias foram deixadas pelos adultos, então o que existe

são representações da infância e da juventude, traduzidas por pontos de vista de quem já viveu mais. Durante muito tempo, a criança e o jovem não foram percebidos como sujeitos da história. Em um mundo em que somente os adultos tinham vez e voz, não havia espaço para outros seres. (ARIÈS, 1981).

Os discursos que constituem um conceito de adolescência no mundo ocidental têm suas origens ainda no fim do século XIX. A instituição *escola* germinou a noção de adolescência, criando uma forma de transição entre o homem e o menino. A escola no século XVIII constituiu-se em um espaço encarregado do ensino da vigilância e enquadramento da juventude. O primeiro passo desse movimento foi separar as crianças menores das mais velhas, permitindo a identificação de uma fase cronologicamente posterior à infância: a adolescência. Foi através da observação das experiências dessas duas instituições que a sociedade moderna pôde compor uma nova realidade psicológica: a adolescência.

O tema *juventude* apenas mais recentemente passou a ser objeto de estudo a partir das perspectivas da História Cultural. A dificuldade em se precisar o que vem a ser o conceito de juventude tem sido apontada como um dos motivos que explicam a pouca quantidade de trabalhos sobre a história da educação referente a essa etapa da vida dos sujeitos. O jovem está situado entre duas margens, entre a infância e a fase adulta; é uma condição provisória da vida do indivíduo como em qualquer outra fase. Assim, é importante falar em histórias da juventude.

Entende-se a importância da imprensa educacional, como documento para a história da educação, no sentido de possibilitar uma melhor compreensão das realidades educativas e também dos aspectos sociais e culturais que perpassam o cotidiano estudantil. A imprensa é, segundo Bastos (1997, p. 49), “uma espécie de observatório”, constitui um testemunho vivo de toda uma época, seus enunciados discursivos oportunizam perspectivas para a compreensão do passado/presente educacional. De acordo com Nóvoa,

o senso comum que perpassa as páginas dos jornais e das revistas ilustra uma das qualidades principais de um discurso educativo que se constrói a partir dos diversos atores em presença (pais, alunos, professores, associações, instituições, etc.). (1997, p. 13).

A história de *O Clarim* constitui-se em uma rica fonte de documentação, pois ali temos acesso a textos produzidos pelos próprios alunos entre as décadas de 40 e 60 (séc. XX). Certamente, havia outras influências na constituição dessas revistas, mas, de qualquer forma, revelam o imaginário e as representações das culturas juvenis daquele tempo. O que parece evidente é o fato de os escritos apresentarem um modo de ser adulto, pois a juventude é encarada como uma fase de preparação para as exigências e os compromissos próprios do mundo dos adultos.

### O Colégio Farroupilha: o *locus* de *O Clarim*

A presença de alemães em Porto Alegre está relacionada à vinda de soldados prussianos, os *brummers*, soldados da Legião Alemã, contratados pelo Império do Brasil para lutarem contra o ditador Rozas, em Buenos Aires. Parte desses soldados permaneceu no Brasil e se estabeleceu no Rio Grande do Sul. Segundo Hofmeister Filho (1996, p. 8), “por serem alfabetizados e profissionalizados tiveram notável influência para o início da incipiente industrialização rio-grandense. Foram alguns intelectuais *brummer* que deram impulso às letras e à cultura”.

Assim, esses imigrantes alemães fundaram, em 1855, a *Deutscher Hilfsverein*, hoje Associação Beneficente Educacional, que criou, alguns anos depois, o *Knabenschule des Deutschen Hilfsvereins*, o Colégio Farroupilha. A presença dos alemães se manifestou também na criação de espaços dedicados à prática de esportes e à vida social. Em 1867, surgia a *Deutscher Turnverein*, (Sociedade Ginástica de Porto Alegre (Sogipa)), logo em seguida, a *Gesellschaft Leopoldina*, Sociedade Leopodina, a *Gesellschaft Germania*, Sociedade Germânica. Destaca-se a criação, em 1927, do Hospital Alemão, hoje Hospital Moinhos de Vento e, nesse mesmo ano, a criação da Varig. Ainda de acordo com Hofmeister Filho, “a indústria rio-grandense nascia. Na Exposição Provincial de 1886, [...] dos 195 expositores, 130 eram alemães ou seus descendentes diretos, portanto 65% de toda a Província”. (1996, p. 8).

O autor explica que, na virada do século XX, os alemães de Porto Alegre eram os responsáveis pelo trabalho em serralherias, fundições, fábricas de fogões, de cofres e de camas de ferro, cutelarias, curtumes, fábricas de todo gênero de calçados, fiações de tecidos, fábricas de chapéus, alfaiatarias,

tipografias, fábricas de cerâmica, louças, vidros, bebidas, panificações, confeitarias, fábricas de papel, móveis e produtos farmacêuticos.

O Colégio Farroupilha teve sua origem na fundação, em 1858, da *Deutscher Hilfsverein*, antiga Sociedade Beneficente Alemã, hoje Associação Beneficente e Educacional, mantenedora da instituição, que defendia ideais liberais e que, por isso, não adotava uma postura confessional. Entre suas metas estavam o auxílio e a assistência aos imigrantes alemães e seus descendentes.

Em 1886 foi criado o colégio nas dependências da Comunidade Evangélica de Porto Alegre, sob o nome de *Knabenschule des Deutschen Hilfsvereins*, com 70 meninos como alunos.<sup>1</sup> Em 1896, o colégio passou a ter sede própria na Rua São Rafael, hoje Avenida Alberto Bins. Lá o colégio permaneceu por 66 anos. Na época, o objetivo da comunidade alemã em Porto Alegre era fundar uma escola que atendesse aos filhos de imigrantes e seus descendentes que residiam na capital do Estado.

Ao longo do século XX, no Brasil, assistiu-se à ascensão de uma burguesia, que tinha como princípio a ideia de uma cooperação harmônica entre as classes e, como projeto, a perseguição do progresso. De acordo com Pesavento (1999), três conceitos acompanhavam a vida da burguesia no Brasil: capitalismo, nacionalismo e industrialização. Tais conceitos norteavam e colaboraram para o fortalecimento da identidade de um modo de vida burguês. Cabe salientar, nesse contexto, a influência do capital estrangeiro na economia nacional e profundas implicações sobre os padrões de comportamento da sociedade. Porto Alegre, assim como as demais cidades brasileiras, adota, no seu imaginário urbano, as referências culturais norteamericanas, identificadas com os valores de uma sociedade de consumo.

Esse conjunto de circunstâncias se faz presente nas páginas de *O Clarim*. O Colégio Farroupilha atendia quase que exclusivamente a essa parcela da população sul-rio-grandense, descendente dos primeiros alemães que se fixaram na cidade, pertencentes às camadas sociais burguesas. Um olhar pelas páginas das revistas revela muitas das ideias que aqui estão explicitadas.

---

<sup>1</sup> Sobre a história do Colégio Farroupilha, Telles (1974); Hofmeister Filho (1996); Almeida (1999); Bastos (2008).

## A invenção de *O Clarim*

Em 1945, os alunos do GEF iniciaram a produção da revista estudantil intitulada *O Clarim*. Um de seus fundadores, L. Telles, explica esse momento:

Em 1945, três jovens vieram para o Farroupilha. [...] Lá pelos meses de maio e junho, caminhávamos Nísio e eu no recreio quando tive uma ideia: “que tal se fundássemos um jornal para o colégio?”[...] Quando rapazes de 14 e 15 anos, “encasquetam” de fazer alguma coisa o negócio vai para frente mesmo. O diretor nos disse: “no meu tempo os que tomavam conta do jornal rodaram no fim do ano”. Nada disso nos desanimou. Alea jacta est, a sorte esta lançada, dissemos. Faltava um nome para o novo órgão: “que tal Clarim?” sugeri. Num abrir e fechar de olhos o jornal já tinha uma denominação. Em agosto surgia o Clarim, órgão do Ginásio Farroupilha. (1974, p. 141).

A seguir, uma tabela com as edições da revista que existem no Memorial da escola.

### Quadro 1 – Edições da revista *O Clarim*

Ano	Páginas	Capa
1945 (julho, n. 1)	6	
1945 (setembro, n. 3)	6	
1947	6	
1952 (abril e maio)	17	Desenho do prédio da escola.
1952 (outubro)	25	Uma aluna: “Srta. Marlene numa pose especial para o <i>Clarim</i> ”.
1952 (novembro e dezembro)	38	Uma charge. Enquanto o pai lê a edição de <i>O Clarim</i> , o filho mostra timidamente o boletim.
1953 (maio e junho)	29	Desenho representando uma cena de sala de aula, um professor distraído enquanto os alunos tentam colar durante uma avaliação.
1953 (agosto)	33	Várias edições de <i>O Clarim</i> dispostas sobre uma mesa perto de uma máquina de escrever.
1953 (setembro e outubro)	65	Foto da colega, Rainha do Coleguismo de 1953.
1954 (1º semestre)	36	Jovem, vestido como adulto, divulgando o 8º Congresso Estadual dos Estudantes.

1954 (2º semestre)	49	Gaúchos envoltos no desenho de uma cuia de chimarrão representando o mapa do Rio Grande do Sul.
1956 (outubro)	38	Duas edições de <i>O Clarim</i> que se cruzam.
1957 (novembro)	35	Foto da Rainha do Coleguismo de 1957.
1961 (1º semestre)	44	Foto do prédio novo da escola.
1962 (2º semestre)	19	Capa lisa, azul, apenas com o símbolo do colégio (macaquinho) no canto direito da página.
1963 (1º semestre)	61	Capa lisa, vermelha, com o macaquinho, símbolo de <i>O Clarim</i> .
1964	61	Capa com um aluno debruçado sobre a classe escolar, envolto na escuridão.

Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando esse material preservado pela escola, é difícil concluir se havia ou não uma padronização quanto à regularidade das edições de *O Clarim*. Houve anos em que a produção da revista era maior e em outros, houve apenas uma única edição de *O Clarim* e, ainda em outros, que não se sabe se o mesmo chegou a ser publicado.

Parece que a produção da revista, bem como a sua qualidade, dependiam do empenho da gestão do GEF em vigência e também da participação de outros alunos do colégio não diretamente vinculados ao Grêmio. Talvez isso indique por que alguns exemplares apresentam textos com maior riqueza de conteúdo, enquanto outros são mais simples.

O exame de cada publicação apresenta inúmeras informações e concepções acerca da educação desenvolvida na instituição, de seus valores, de suas prioridades, do cotidiano escolar e das culturas juvenis daqueles tempos.

De modo geral, a revista compunha-se de uma série de seções que, normalmente, se repetiam em cada nova edição, tais como: editoriais; entrevistas com professores, ex-alunos, diretores da escola, pessoas de destaque na sociedade; esportes; crônicas; seção do primário; assuntos femininos; clarinadas sociais; passatempos; seções das turmas; poemas e contos; passatempos; o leitor; propagandas; fala o professor; fatos e boatos; relatos de viagens de excursão; grandes vultos de nossa história; relatórios de notícias referentes à política estudantil, como os encontros da União Nacional dos Estudantes (UNE) e União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas (Uges) e biografias.



Muitas são as questões que ocorrem no sentido de investigar: quem eram os autores/leitores de *O Clarim*? Para quem e para que ele foi produzido? Que lugares de sujeito ocupavam seus escritores e leitores? Quem lia e quem não lia a revista? O que significa a constância de determinados discursos? O que era e o que não era permitido escrever? Por que deixou de existir? Em que medida reforçava os discursos endossados pelo colégio ou se posicionava a favor de outras lutas sociais? Tendo como referências algumas dessas indagações, o propósito agora é analisar um pouco daquilo que era escrito nas revistas *O Clarim*.

### **Escritores e leitores de *O Clarim*: produção de identidades**

A escola é lugar de aprendizagens da vida, um microcosmo social que funciona como espaço de maturação intelectual; não é somente um lugar de aprendizagem de saberes, mas é, ao mesmo tempo, um lugar de recomendação prescritiva de comportamentos e de *habitus*, o qual exige uma ciência de governo, segundo sua própria finalidade. A importância da instituição escolar na construção social da memória e o interesse histórico de ver traços de tempos passados mostram que os escritos de alunos são testemunhos preciosos de um tempo e de um espaço significativos para a construção da história da escola e da educação.

O sujeito, aluno do Colégio Farroupilha, foi constituído por meio de práticas historicizadas e das inter-relações entre diferentes discursos que se difundiam e se sustentavam na comunidade porto-alegrense daquele tempo. Os discursos produzidos revelam as representações construídas acerca das identidades daqueles rapazes e moças, evidenciando as condições de produção de conceitos de cultura juvenil, particularmente considerando a formação discente promovida por uma escola da rede privada de ensino.

Quando alunos se identificam com os temas circulantes na instituição, eles se tornam assujeitados a esses discursos, por um processo de adesão ou de identificação e começam a se reconhecer e, paralelamente, a se constituir como sujeitos. Nessa perspectiva, o sujeito não é mais uma identidade em essência, mas alguém em permanente atualização, inserido em múltiplas relações que enredam suas práticas. Aos poucos, algumas das verdades ali edificadas passam a integrar o dia a dia dos alunos, os indivíduos acabam se envolvendo, sem perceber que estão se constituindo como sujeitos.

Os periódicos apresentam representações de uma época, sejam elas políticas, econômicas ou sociais, descrições variadas sobre a vida cotidiana da escola, valores importantes para aquela comunidade, concepções didáticas, signos escolares e suas mensagens. O trabalho com esses escritos tem permitido encontrar modos de como a civilidade invadiu as práticas escolares naquela instituição de ensino. Revel (1997) analisa a aprendizagem da civilidade, pois impõe ao grupo as mesmas regras de comportamento aceitáveis na sociedade. Segundo o autor, “tem a vantagem de permitir que a criança exerça sobre si mesma um controle constante de seu tempo, de suas ocupações e de suas atitudes”. (p. 176).

*O Clarim* era um material comum a toda a escola, seus textos indicavam e prescreviam modos de ser considerados apropriados, mas cada leitor se apropriou de forma distinta de *O Clarim*. Portanto, o ato de leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto nem os comportamentos vividos nas interdições e nos preceitos que pretendem regulamentá-los. A aceitação dos modelos e das mensagens propostas opera-se por meio de arranjos, de desvios, às vezes das resistências que manifestam a singularidade de cada apropriação.

É importante entender que um texto não é uma simples abstração e que ele só existe graças à maneira como é transmitido. (CHARTIER, 1999). Os textos legitimam esses comportamentos considerados adequados, são suportes que se fazem ler, ouvir ou ver e produzem sentidos. Para o autor, a leitura é sempre uma apropriação, uma invenção, uma produção de significados. Cada leitor atribui, assim, um sentido próprio ao que lê. Cada leitor, a partir de suas referências “dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria”. (p. 20).

A significação de um texto varia conforme as competências, as convenções, os usos e protocolos de leitura próprios de cada comunidade. Assim, a leitura não se constitui em uma prática neutra. O leitor produz uma apropriação inventiva do texto que recebe. *O Clarim* não era lido da mesma forma por todos os leitores. Alguns, provavelmente, eram interpelados por uns discursos, outros aderiam a outras discursividades. Cada sujeito é sujeito de uma variedade de discursos e pode aderir a eles ou não. O sentido de um texto depende também da forma material como ele se apresentou a seus leitores originais e por seu autor. Por meio dela, podemos compreender como e por que foi editado, a maneira como foi manuseado, lido e

interpretado por aqueles de seu tempo. O suporte influencia o sentido do texto construído pelo leitor.

### **O que dizem os escritos de *O Clarim*: autorregulação e transgressão**

A primeira revista de 1945 apresenta os ideais de *O Clarim*: “Que fale de boa vontade entre amigos, que ensine a cumprir o dever, que dê valor pessoal ao esmero nos estudos pelo qual se consegue o saber que redunde em poderio.” (Editorial, p. 3). Ao longo das páginas das revistas, vai sendo explicitado um modelo de aluno que precisa desenvolver autocontrole e autorregulação, que deve acreditar em determinados conceitos, desenvolver certas atitudes e não outras, enfim, deve civilizar-se e priorizar o estudo em sua vida para alcançar um padrão de comportamento desejado pelo mundo dos adultos.

Entre tantos aspectos que podem ser analisados nas revistas, permito-me trabalhar aqui com a questão de *O Clarim* constituir-se em instrumento de legitimação dos discursos vigentes na sociedade, mas, por outro olhar, também demonstrar ser um espaço juvenil de transgressão e de lutas sociais e políticas.

Em muitas edições, nota-se a intencionalidade na formação desse sujeito aluno que, em breve, seria um cidadão adulto e que, portanto, deveria estar inserido no mundo do trabalho. Assim, pela escolha dos entrevistados e pelo conteúdo dos textos, pode-se perceber o teor dos ensinamentos transmitidos aos jovens farroupilhenses.

O discurso vigente enfatiza a importância da dedicação aos estudos para a formação da juventude. Percebe-se que os alunos aderem a esse discurso, mas defendem o significado de sua agremiação para a construção de sua cidadania. Nas palavras de um artigo da revista de 1963:

Um grêmio prejudica o estudo. Prejudica. Não há dúvida. Mas, perguntamos, é o Homem um reservatório de conhecimentos ou um todo harmonioso e completo? Um grêmio enriquece ao aluno, dando-lhe vivência, insuflando-lhe. Completa o estudo: traz o mundo para dentro da escola. É Democracia pura. Forma espíritos lúcidos, conscientes e ágeis. Política. Mas uma política que ainda não é corrompida. É uma escola para líderes. (LUDWIG, Roberto A., *O Clarim*, 1963, p. 21).

Nesse propósito de defender determinadas concepções políticas, no início dos anos 60 (séc. XX), criticava-se o nacionalismo e se postulava a abertura do País ao capital estrangeiro. Assim, o medo generalizado das ideias comunistas foi difundido em vários exemplares e seguido da importância de o jovem afastar-se de tais assuntos, cumprir e se ater ao “seu papel” de estudante. (RENNER, A. J., *O Clarim*, 1962, p. 10).

Lutava-se pela democracia aliada ao liberalismo, fundamentado nas iniciativas individuais para a obtenção de sucesso. Em duas edições, a fala de A. J. Renner, importante industrial da cidade, se fez relevante no sentido de orientar o pensamento e as ações dos alunos do Colégio Farroupilha. Em um de seus textos, usa as metáforas do trabalho e do estudo, ao dizer que, após a Segunda Guerra Mundial, a recuperação da Alemanha foi com base no trabalho, e se os “jovens desejarem o progresso do Brasil cabe a eles o estudo, estudo, estudo”. (RENNER, A. J., *O Clarim*, 1962, p. 10-11).

Na mesma revista, um texto escrito por um aluno acerca de uma greve estudantil mostra a assimilação do discurso, pois o autor condena a manifestação, afirmando: “No nosso entender a greve é um meio pouco proveitoso, visto que nós, estudantes, perdemos tempo e instrução deixando de comparecer às aulas, prejudicando assim o progresso cultural e mesmo econômico do país.” E reitera no fim que “o valor do estudante brasileiro é o esforço nos estudos e nas realizações estudantis, simbolizadas pelos nossos grêmios”. (BARROS, Mario O., *O Clarim*, 1962, p. 14).

Em outro artigo (1963), o autor explica a relação entre a escola e o aluno, afirmando que a escola não é só o lugar em que se vai para estudar, é o local onde se aprende a “como se portar frente aos problemas que nos surgem a cada instante, é o local onde se aprende a lutar contra as ideologias estranhas que cada vez mais se acercam de nós, é enfim o local onde aprendemos a viver em sociedade”. (GITZLER, Jorge, *O Clarim*, 1963, p. 29).

É contundente a rejeição ao regime político comunista em diferentes seções da revista. Chama a atenção uma crônica ficcional, na revista de 1962, em que alunos-repórteres presenciavam um jogo de futebol em Moscou. A analogia entre futebol e comunismo demonstra o sentimento de repúdio ao modo de vida naquele país. Assim, narram uma partida de futebol no estádio “Parafuso Vermelho”, em que a cor vermelha predomina no gramado, na bola e nos uniformes do juiz e dos jogadores, “os times

daqui exibem um excelente jogo de conjunto. Um gol jamais é marcado por um só jogador: isso é punido como individualismo”. (*O Clarim*, 1962, p. 23, sem autoria).

Considerando-se quem fala e de que lugar vêm essas falas, vê-se que são jovens oriundos de classes abastadas que, de alguma forma, sentem-se ameaçados pelo discurso comunista. Assim, acreditam nos ideais democráticos, na liberdade e no fomento às ações individuais como valores importantes a serem implantados no País.

No mesmo sentido, a entrevista com o jornalista Cândido Norberto (1962) também trata do assunto. Elogia a juventude do Farroupilha que “não é uma mocidade dominada pelo comunismo, mas é apaixonada pela justiça social”. (p. 8-9). O entrevistado estimula os alunos do Colégio Farroupilha a mostrarem aos outros estudantes os perigos das “pregações extremistas” e defende a democracia que se traduz “nas lutas pela conservação de todas as liberdades, sem as quais o homem não tem nenhuma dignidade”. (NORBERTO, Cândido, *O Clarim*, 1962, p. 9).

O texto de autoria do Padre Eugênio Luft, acerca da Carta Encíclica do Papa João XXIII (1963), apresenta visões interessantes acerca do tema em questão. O autor discorda da atitude do Pontífice ao elogiar Nikita Krushev, líder do Partido Comunista Soviético, entre 1953 e 1964, e diz: “Como é que se pode entender este elogio comunista?” E conclui com um alerta que reforça o tom discursivo da revista:

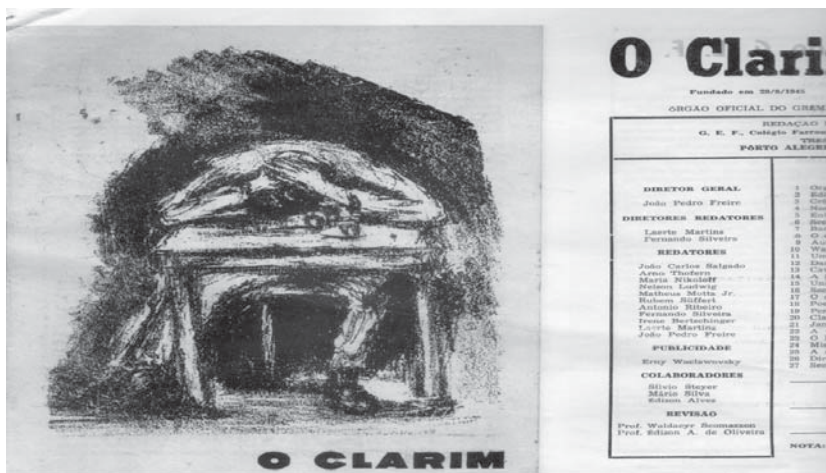
Deixemos de lado a doutrinação barata dos slogans pré-fabricados e mastigados e vermelhos! Vamos estudar, compreender e viver o conteúdo desta Encíclica. Depois, com idealismo e capacidade próprios da Juventude, vamos unir-nos ao “bom velhinho” do Vaticano e exigir dos indivíduos, das entidades, dos nossos governos, das nações, a vivência da *pacem em terris*. (LUFT, Eugênio, *O Clarim* 1963, p. 23).

Uma espécie de desencanto com o Brasil, apoiado em visões estereotipadas do País em que se evidencia uma série de preconceitos étnicos, econômicos, culturais aparece em diferentes artigos da revista. Em um *teste vocacional* (1962), elaborado pelo aluno Nelson Ludwig, diz o seguinte:

Se você gosta de dormir, você tem vocação para deputado ou vereador. Se você gosta de estudar, talvez possa ser alguém na vida. Mas se não tiver um pouco de malícia, os analfabetos passarão na sua frente. Aprenda a bajular também, pois isso no Brasil ajuda muito. (LUDWIG, Nelson, *O Clarim*, 1962, p. 43).

As visões preconcebidas denotam a descrença nos políticos do País. Além disso, preguiça, malícia, adulação e ignorância são vistas como características do povo brasileiro. Entretanto, diferentemente do discurso difundido pelo periódico, o estudo não é entendido como condição única para o sucesso na vida adulta.

Entretanto, constata-se, na revista, momentos de transgressão dos discursos dominantes. Início essa discussão destacando algumas provocações que a revista de 1963 apresenta. A começar pela capa, que também se revela como um protocolo de leitura (CHARTIER, 1994), extremamente sugestivo. Mostra, de forma não totalmente nítida, um aluno debruçado sobre a classe escolar.



Quem observa a imagem pode, talvez, sentir a angústia e a tristeza daquele estudante. A questão que se coloca é: o que teria levado os alunos do GEF a escolherem essa capa tão diferente das demais e tão instigante? Qual teria sido a intenção de mostrar o aluno em seu desespero na classe escolar?

O editorial da revista oferece pequenas explicações às indagações acima. Explica que a intenção desse número da revista era “dar visibilidade à arte em suas diferentes manifestações”. Para tanto, escolheu uma imagem identificada com o Expressionismo, complementa. Não existe desespero na gravura da capa, existe, antes de tudo, esperança. (SÜFFERT, Rubem, *O Clarim*, 1963, p. 6-7).

Nessa edição e em tantas outras, há referências explícitas ao descontentamento diante do fato de muitos alunos do Colégio Farroupilha não se envolverem com *O Clarim*, nem como autores nem mesmo como leitores. Os escritores afirmam que a produção de *O Clarim* acontece “graças à capacidade de trabalho de alguns farroupilhenses”. (1962, p. 5). As queixas eram constantes aos “colegas que não querem colaborar”. (1962, p. 5). Diante disso, justificavam os custos com a revista, a necessidade de buscar patrocínio e solicitavam a compra da mesma e não o empréstimo a outros colegas.

Alguns anos antes, em 1952, os alunos do GEF já reclamavam daqueles que os chamavam de “queridinhos do diretor”. A indiferença da comunidade escolar discente diante do GEF e diante de *O Clarim* foi manifestada na revista de 1954: “Sem a organização e ajuda do diretor e professores, o GEF teria desaparecido ante a passividade e indiferença da maioria dos alunos.” (*O Clarim*, 1954, p. 6, sem autoria).

Na revista de 1953, na página “Escreve o leitor”, novamente se condenava a falta de apoio, pois apenas um único aluno havia participado com um texto de sua autoria para a seção naquela edição. Em 1961, se anunciava: “Dos leitores, apenas esperamos que, ao invés de defeitos, encontrem soluções.” Para que a leitura de *O Clarim* se efetivasse, em 1956, foram criados os “agentes de *O Clarim*”, encarregados de difundir a venda da revista em cada turma da escola. Percebe-se a intenção do GEF em propagar *O Clarim* e, ao mesmo tempo, de buscar um efetivo comprometimento dos discentes com a leitura e produção do periódico. Essas frases que aparecem ao longo das páginas de *O Clarim*, em diferentes edições, sempre com letras maiúsculas e maiores que o padrão convencional, são um bom exemplo: “Colega, tua colaboração é valiosa para O Clarim, portanto, manda hoje mesmo um artigo para a revista de tua escola. (1952). Leia e propague O Clarim. (1953, 1954, 1956, 1961, 1963). Colega,

prestígio o seu Grêmio. (1952, 1956). Colega, lembra que esta página é tua.” (1954, 1957).

Com base nisso, é de se pensar que, de fato, *O Clarim* refletia os anseios e as aspirações dos alunos do Colégio Farroupilha. Quantos se envolviam com a revista como autores, leitores e propagadores? Essa indiferença seria uma forma de transgressão, de não aceitação e de contestação a tudo o que *O Clarim* apregoava?

A revista de 1953 apresenta uma série de comentários irônicos à escola. Os alunos-escritores falam da precariedade dos telhados, da sujeira das cadeiras, do calor nas salas de aula. Até mesmo as atitudes dos professores são declaradas, através de frase em tom anedótico: “Perdeu-se um dicionário de boas maneiras. É favor entregar ao professor de alemão.” (p. 8). Nesse ano, já estava em execução o projeto de construção da nova sede do colégio, em outro bairro da cidade, mas a demora na execução fez os alunos escreverem: “O projeto novo do colégio soubemos estar em adiantado estado de decomposição por ter sido esquecido. Pedem-se rápidas providências.” (*O Clarim*, 1963, p. 15, sem autoria).

Em outro texto com o título “100% quase”, um aluno faz críticas que diz serem “construtivas” ao colégio. Diante da troca de Direção, salienta o esforço do novo diretor, mas condena o afastamento que se criou entre alunos e direção da escola:

A minha turma recebeu a visita do diretor somente por duas vezes esse ano. Isto inegavelmente faz com que a reação do educandário se torne completamente estranha aos alunos, e esses, graças a isto, não entrem em contato mais íntimo com a direção, que não fica ciente das dificuldades dos alunos e sem dúvida alguma provoca diminuição no aproveitamento escolar. (GITZLER, Jorge A., *O Clarim*, 1962, p. 43).

Em relação aos professores, critica a forma de avaliação de alguns docentes que continuavam atribuindo uma única nota por mês, “contrariando a lei que diz no seu texto que deverão ser dadas no mínimo duas notas mensais, o que vem a prejudicar o aluno, pois só uma nota mensal não reflete em absoluto o seu aproveitamento escolar”. (GITZLER, Jorge A., *O Clarim*, 1962, p. 43).



A questão da produção de civilidades é algo que perpassa a leitura das revistas. Em diferentes momentos, os textos buscam disciplinar, prescrever códigos de conduta, envolver questões de gênero, mas não se limitam a elas.

Entende-se que os sujeitos se produzem e são produzidos em uma determinada cultura, através dos discursos circulantes. E assim se constrói um perfil de bom aluno, de boa moça, de bom cidadão brasileiro. Aqui interessam, em especial, aquelas representações que se referem ao disciplinamento do jovem aluno do Colégio Farroupilha, em suas diferentes faces.

Nesse sentido, cabem alguns comentários referentes à seção “Assuntos femininos”, seção essa que se faz presente em todos os exemplares de *O Clarim*, exceto na primeira edição de 1945. A seção apresenta pequenas notícias sem autoria definida. As moças eram orientadas a obedecerem a determinados padrões de conduta considerados apropriados às estudantes do Colégio Farroupilha. A elas eram indicados os caminhos de mãe e de esposa. Escreviam-se sobre regras de cortesia, importantes em viagens a outros países (1952), apresentavam-se orientações quanto à maquiagem e peças do vestuário adequadas a diferentes situações. Valorizavam-se atributos femininos, tais como: a inteligência, o entusiasmo, a afabilidade, a bondade, a ternura, a compreensão. Acima de tudo, a jovem deveria “saber cumprir sua missão”. (1957). Completam a seção receitas de doces e salgados adequados para o lanche ou para oferecer à família.

Em um dos textos, aparece que “é sumamente agradável ver uma mulher jovial e alegre que leva consigo a alegria de viver”. (1954). Em outro artigo de 1953, discutem-se as “tentações do adolescente” em relação ao amor – usa-se a Bíblia como referência ao comportamento da mulher. Além disso, ensinamentos acerca de cuidados com o corpo, como o cuidado com os dentes e o uso da voz: “O timbre da voz doce, da voz harmoniosa, não só é agradável, como revela as sublimidades de espírito de quem a possui.” (1962).

Cumpra ressaltar que as questões de gênero não se revelam apenas na seção “Assuntos femininos”, elas aparecem, talvez de forma mais sutil, mas não menos evidente, em outros momentos da revista e na própria composição do grupo de alunos que fazia parte do GEF. As moças ocupavam espaço de representação estudantil tão-somente na “Secretaria dos Esportes Femininos”; todos os demais cargos eram ocupados por rapazes.

Além disso, chama a atenção o fato de os representantes de turma da escola serem sempre os rapazes e a vice-liderança cabia às moças. A lista com os nomes desses representantes era publicada nos editoriais de cada revista. E até mesmo na seção “Olhando e comentando uma aula”, encontram-se críticas ao padrão estético de moças, tais como esta em que o autor relata o cotidiano da turma e aproveita para ironizar: “Você já notou a gordura da Helena?” (1961).

As relações de gênero também são visíveis no concurso criado pelo GEF: “A melhor colega”, iniciado em 1952. Ao longo das revistas, aparecem frases em letras maiúsculas, chamando a atenção para o concurso: “Quem será a melhor colega de 1957?” ou “A rainha do coleguismo de 1953? Será do Ginásio? Ou da Escola Técnica?” A revista de 1956 sinaliza o perfil da melhor colega:

A jovem deve procurar criar entre seus colegas um ambiente de camaradagem e até mesmo de intimidade, sem ultrapassar os limites da boa conduta. Amiga tanto nos êxitos como nas preocupações, entusiasta nas iniciativas proveitosas de divertimentos, desportos e cultura, deve ela procurar ser digna do título de “melhor colega”, tudo isso sendo naturalmente, bastante feminina, mas sem coquetismo ou afetamento. (SANTOS, Beatriz Heredia, *O Clarim*, 1956, p. 15).

Outro aspecto interessante percebido na seção “Fala o leitor” da revista de 1952, é quando uma aluna critica a seção “Assuntos femininos”, dizendo que os textos são distantes da vida das meninas, só traduzindo aspectos pertinentes à vida adulta. Pode ser uma única voz, mas é possível que houvesse ressonância nos anseios de outras jovens da escola.

Em ambas as entrevistas com o jornalista Cândido Norberto e com o industrial A. J. Renner, o conselho desses homens mais velhos e bem-sucedidos profissionalmente é o mesmo: a máxima dedicação aos estudos. Nas palavras do jornalista: “Estou com isso a recomendar aos meus amigos, aos meus jovens amigos que, na hora de estudar, cumpre estudar e que é preciso que se leve as coisas rigorosamente a sério do estudo ao trabalho.” (NORBERTO, Cândido, *O Clarim*, 1963, p. 8-9). Da mesma forma, A. J. Renner explica que cabe aos jovens “ouvir os homens de experiência e os

que conhecem a realidade. Mas nunca devem esquecer que, em primeiro lugar, cabe cuidar dos estudos”. (RENNER, A. J., *O Clarim*, 1964, p. 11-12). Alertam sobre a necessidade do aluno de se motivar, evitar a preguiça, não fazer uso de colas, de procurar ir além daquilo que é dito em aula, de desenvolver sua força de vontade, enfim, de se convencer acerca da importância do estudo.

Um dos diretores da escola, ao ser entrevistado, diz que a escola oferece para os alunos “as ferramentas necessárias para mais tarde moldar a sua vida e a sua profissão. Rejeitar esses utensílios é, sem dúvida alguma, um prejuízo direto ao aluno”. (MARRONI, Roberto, *O Clarim*, 1954, p. 18). Ainda na entrevista, recomenda aos adultos:

Devemos despertar neles o amor a determinadas atividades que consigam prender e concentrar o seu interesse, fazendo com que o aluno comece a executar uma ocupação não por constar no horário ou porque “lhe falta nota”, mas simplesmente e unicamente por interesse, amor, dedicação e curiosidade. (MARRONI, Roberto, *O Clarim*, 1954, p. 19).

Na “Página do Primário”, encontram-se pequenas fábulas, contos ou parábolas, todas tendo em comum mensagens prescritivas de fundo moral. Entre tantas: “Pratique o bem, para encontrar recompensas no céu.” (1962, p. 35). “Amemos também nossos outros irmãos, eles têm o mesmo sangue que nós.” (1963, p. 24). “Nunca desejes aos outros o que não queres que aconteça para ti.” “A modéstia tanto vai bem aos grandes como aos pequenos.” (1952, p. 28).

Foi preciso desenvolver uma sensibilidade para analisar esses jornais, para poder indagá-los e problematizá-los. Ao ler cada exemplar, a ideia foi buscar uma aproximação das práticas de escrita daqueles jovens, como uma tentativa de apreender, através desse conjunto de textos, indícios de saberes e práticas escolares que evidenciavam a constituição desses sujeitos, alunos do Colégio Farroupilha.

## Ainda o que fazer nas trilhas de *O Clarim*

Reconstruir as histórias da educação em outros tempos e espaços envolve a necessidade de falar sobre suas crianças e jovens. Sensíveis aos novos enfoques antropológicos ou sociológicos, os historiadores buscam recuperar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais. Nesse sentido, o estudo apresentou análises das revistas *O Clarim*, periódico estudantil que se constituiu num documento relevante da cultura material escolar vinculado aos estudos da imprensa pedagógica periódica.

Ao manusear as páginas de *O Clarim*, ao ler os textos que se escreviam, ao olhar as fotos daqueles rapazes e daquelas moças, ao observar como estruturavam as frases, os adjetivos que comumente usavam, o modo como descreviam cada acontecimento, tudo isso provoca em quem lê estranhamentos próprios de quem viveu em outro tempo, marcado por outras referências. A convivência com os adolescentes do século XXI, efêmeros, fugazes, velozes, alegres em sua juventude, leva a pensar em como seriam aqueles jovens, de certa forma imortalizados nas edições de *O Clarim*. A leitura de *O Clarim* desperta, em muitos, uma espécie de saudade, uma saudade não se sabe bem do quê.

## Referências

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992). In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 47-76.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n.11, abr. 1991.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Edunesp, 1999.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed. da UnB, 1994.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

HOFMEISTER FILHO, Carlos. *1886-1996 – Colégio Farroupilha: 100 anos de pioneirismo*. Porto Alegre: Palotti, 1996.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da educação: o que você precisa saber sobre*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NÓVOA, António. Apresentação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 9-31. v. 2.

NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 11-31. v. 3.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Memória Porto Alegre: espaços e vivências*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p. 169-210.

TELLES, Leandro. *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha 1858/1974*. Porto Alegre: ABE, 1974.

**Fontes consultadas:**

BARROS, Mario O., *O Clarim*, 1962, p. 14.

GITZLER, Jorge A., *O Clarim*, 1962, p. 43; 1963, p. 29.

LUDWIG, Roberto, *O Clarim*, 1962, p. 43.

LUFT, Eugênio, *O Clarim*, 1963, p. 23.

MARRONI, Roberto, *O Clarim*, 1954, p. 18.

NORBERTO, Cândido, *O Clarim*, 1962, p. 9.

RENNER, A. J., *O Clarim*, 1962, p. 10-11.

SANTOS, Beatriz Heredia, *O Clarim*, 1956, p. 15.

SÜFFERT, Rubem, *O Clarim*, 1963, p. 6-7.

**Recebido em 5 de abril de 2012.  
Aprovado em 7 de maio de 2012.**